

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

CRISE ECOLÓGICA: UM DIÁLOGO COM LEONARDO BOFF¹ **ECOLOGICAL CRISIS: A DIALOGUE WITH LEONARDO BOFF**

Leandro José Kotz², Rodrigo Moscon³

¹ Artigo elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Teologia do Instituto Missioneiro de Teologia.

² Doutorando do Programa de Educação nas Ciências na UNIJUI. Bolsista taxa Prosup/Capes.

³ Bacharel em teologia pelo Instituto Missioneiro de Teologia IMT/URI

RESUMO: Esta pesquisa propõe abordar o atual cenário de crise ecológica provocada pelo modelo de civilização moderna e compreender, pelo menos, alguns elementos que se constituem em uma alternativa. Propõe-se realizar incursões a partir do viés teológico e bíblico, demonstrando de modo sucinto as potencialidades e fragilidades dessas perspectivas no que tange ao tema. Para desenvolver essa interpretação, dialoga-se com as obras do teólogo Leonardo Boff e, de forma subsidiária, empregam-se as obras de outros teólogos como Jürgen Moltmann. Em um primeiro momento, aponta-se o atual e problemático cenário ecológico, negligenciado até metade do século XX. A partir disso, expõe-se o modelo de sociedade e/ou civilização moderna que engendrou essa espantosa conjuntura ecológica à luz de Boff. Por último, apresentam-se elementos do modelo civilizacional proposto pelo teólogo Leonardo Boff como uma plausível alternativa para solucionar a atual crise ecológica.

Palavras-chave: Crise ecológica. Civilização moderna. Cuidado. Diálogo. Leonardo Boff.

Abstract: This research proposes to approach the current scenario of ecological crisis provoked by the model of modern civilization and to understand, at least, some elements that constitute an alternative. It is proposed to make inroads from the theological and biblical bias, succinctly demonstrating the potentialities and weaknesses of these perspectives on the subject. In order to develop this interpretation, dialogue is carried out with the works of the theologian Leonardo Boff and, in a subsidiary way, the works of other theologians like Jürgen Moltmann are used. At first, the current and problematic ecological scenario, neglected until the mid-twentieth century, is pointed out. From this, it is exposed the model of society and / or modern civilization that generated this astonishing ecological conjuncture in the light of Boff. Finally, we present elements of the civilizational model proposed by the theologian Leonardo Boff as a plausible alternative to solve the current ecological crisis.

Keywords: Ecological crisis. Modern civilization. Caution. Dialogue. Leonardo Boff.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo enfoca a temática da ecologia, tendo por objetivo analisar a crise gestada pela civilização moderna tensionando-a com a perspectiva teológica e bíblica. Para tanto, o problema

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

norteador consiste em compreender se, ainda há esperança de uma mudança positiva para a ecologia, e, por conseguinte, para a vida na contemporaneidade? Para responder esta indagação analisam-se as obras de Leonardo Boff em conjunto com as obras de outros autores, com destaque para Jürgen Moltmann, uma vez que fazem um exercício propositivo de uma mudança de modelo civilizacional que rompe com o paradigma moderno.

Sabe-se que a atual conjuntura de crise ecológica é insustentável, daí que, novos modelos civilizacionais precisam ser arquitetados. Entretanto, salienta-se que uma possível alternativa^[1] que sirva de solução para a superação dessa crise, deve necessariamente, possibilitar o desenvolvimento sustentável, pois, sem isso, a sociedade contemporânea tem a potencialidade de extinguir a vida. Contudo, permanece em suas mãos a possibilidade de preservá-la e nesse viés empreender seus esforços, especialmente revendo conceitos e o modelo civilizacional. Defende-se, a ideia de que, a crise ecológica é uma crise na ecologia e não da ecologia, por essa razão, o modelo civilizacional necessita ser posto em xeque.

Nesse sentido, a teologia tem um papel decisivo e relevante na superação da crise ecológica, não somente na percepção do panorama da situação atual, mas fornecendo perspectivas teológicas engajadas na solução desse problema, apresentando novas chaves de leitura para textos bíblicos que possam ter sido mal interpretados ou distorcidos.

Sendo assim, o presente artigo se justifica pela necessidade social, moral e ecológica do cuidado com a vida, de sorte que, este cuidado é primordial para a sobrevivência da *bios*, mas para isso, necessita-se uma mudança de paradigma^[2], no qual a teologia pode contribuir com uma sabedoria e episteme milenares, na compreensão de conceitos de um modo de vida solidário com todos os seres.

2 PANORAMA DA ECOLOGIA À LUZ DE BOFF

O número de espécies de vida, de acordo com os critérios de especialistas, varia entre 10 milhões a 100 milhões, estima-se que, entre 1500-1850 foi eliminada uma espécie de vida a cada 10 anos. Já entre 1850-1950, uma espécie por ano, já em 1990, uma espécie por dia e no ano 2000, desaparecia uma espécie de vida por hora. Esse quadro configura-se em uma chave hermenêutica para compreender as proporções de destruição da vida no cenário atual da ecologia (Cf. BOFF, 1995). Disto conclui-se, como acima já foi salientado, que não é uma crise da ecologia, mas uma crise na ecologia, ou seja, muito mais ampla do que apenas ecológica, de mais a mais, envolve os campos da axiologia, da política e da economia, para referir alguns.

Além da extinção de espécies, constata-se que o clima da terra que já está alterado, será significativamente modificado nas próximas décadas devido à emissão dos gases de dióxido de carbono e de metano que provocam o “efeito estufa”. O solo é envenenado por meio de fertilizantes químicos e pesticidas^[3]. A população mundial quadruplicou nos últimos 60 anos e em 2050, estima-se que ela passe a ser de 8 a 10 bilhões de pessoas, o que demandaria a necessidade de mais víveres e acarretaria na produção de mais lixos (MOLTMANN, 2012, p.158).

Dentro desse horizonte, cabe frisar que, nos últimos séculos “a Terra perdeu em 30% sua capacidade de reposição de recursos e serviços” (BOFF, *apud* OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p. 15), seja pelo processo de desertificação de terras que antes eram férteis, seja pelo uso excessivo de agrotóxicos, venenos e químicos que tornam a terra cada vez mais dependente deles para poder produzir, seja pela diminuição da porção de terra, devido ao derretimento das calotas

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

polares, seja pelo êxodo rural de pessoas que deixam de produzir alimentos e migram da zona rural - devido à falta de políticas públicas que beneficiem o pequeno produtor - à zona urbana, onde muitas vezes produzem bens supérfluos, ou ainda por outros fatores diversos.

Os dados acima expostos, são apenas alguns dentre tantos outros que demonstram a crise ecológica. Percebe-se, como disse Boff, “uma máquina de morte movida contra a vida sob suas mais variadas formas” (1995, p. 16), e aparentemente apenas a partir de 1972 com o relatório do Clube de Roma, essa realidade ganhou notoriedade. Nesse sentido, complementa Moltmann, “o ecossistema humano perdeu o equilíbrio e caminha para a destruição da terra e, desse modo, para a autodestruição” (2012, p. 158)^[4]. Tendo esses elementos presentes, em 1982, foi publicada a Carta Mundial para a Natureza, e cinco anos mais tarde, em 1987, propôs-se a substituição desta por uma Carta da Terra que regulasse o meio ambiente e o desenvolvimento (BOFF, *apud* OLIVEIRA; SOUZA, 2009).

A Carta da Terra foi apresentada em 1992 na Cúpula da Terra no Rio de Janeiro, mas, pela falta de consenso foi preterida pela Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Outra tentativa foi realizada em Haia na Holanda em 1995, entretanto, chegou-se apenas a um esboço da Carta da Terra. Em 1997 foi criada uma Comissão da Carta da Terra, em seguida, foi amplamente discutida entre 1998 e 1999, sendo apresentados muitos projetos de Carta da Terra, até que em 2000, na Unesco em Paris ela foi ratificada (BOFF, *apud* OLIVEIRA; SOUZA, 2009).

De acordo com Dias,

“Todos as tentativas foram feitas: encontros internacionais sucessivos, desenvolvimento de legislações rigorosas, avanços tecnológicos em gestão ambiental e uma crescente mobilização internacional. Entretanto, a despeito de inegáveis avanços em prol da preservação e conservação do ambiente, nada disto está conseguindo deter a destruição generalizada dos sistemas que asseguram a vida na terra (DIAS, 2004, p. 99).

A partir disso, é evidente que a crise ecológica foi e é provocada, mas na verdade, ela não é o mal maior da sociedade hodierna, é apenas sintoma de uma doença maior, um reflexo do cenário atual. Essa doença que provocou tamanha crise é chamada por Boff de “modelo de sociedade moderna (1995, p. 16)” e por Moltmann de “projeto de civilização moderna (2012, p. 158)”.

Por causa disso, Leonardo Boff na década de 1990 tem uma mudança de paradigma em sua teologia, começado pela articulação entre libertação, ecologia e diálogo entre os anos de 1993 e 1995. Finalmente com o paradigma ecológico “aos trinta anos de atividade teológica, ocorre uma grande mudança, especialmente com a publicação do livro *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*” (BAPTISTA, 2011, p. 150), permanecendo até hoje. Portanto, a mais de vinte anos que o autor discorre sobre a ecologia em seus estudos.

A gravidade do cenário ecológico atual, decorrente da cosmovisão, hábitos e valores da sociedade moderna, parece não ter sido vista ou pior, ter sido propositadamente ignorada até recentemente, quando a situação começa a se tornar caótica e impossível de ser escondida ou negligenciada por mais tempo (OLIVEIRA; SOUZA, 2009).

Como contributos para essa imoralidade com a ecologia, Oliveira e Souza, afirmam que há religiões que situam o ser humano acima dos demais seres vivos e, assim, “impedem que ele se veja como parte constitutiva da totalidade viva do Planeta Terra” (2009, p. 6). Tal visão está

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

fundamentada na ideia de que Deus criou o homem para subjugar toda natureza a seu bel prazer. Não é desse modo no Budismo, no Hinduísmo, em religiões tribais, contudo, “é este o caso das religiões abraâmicas - o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo -, que legitimam a posição antropocêntrica em relação à natureza” (2009, p. 6). Entre os textos-chave que configura esse primado, destaca-se Gn 1,28 que usa os termos submeter e dominar[5].

“Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra’” (Gn 1,28). Nesta perícopa, está subjacente a criação do homem e da mulher. Logo após, Deus abençoa homem e mulher (ou seja, a humanidade, pois homem e mulher não vêm acompanhados de artigo). Como os verbos estão conjugados no plural, isso por seu turno, demonstra que, indistintamente, homem e mulher - humanidade - possuem o dever de submeter e dominar (missão recebida diretamente de Deus). Fica nítida a submissão e a dominação do humano sobre a vida em geral. Isso configura uma prática ofensiva para o sentido da existência (BOFF, 2016). Por essa razão, novas chaves interpretativas são necessárias. Ao situar essa perícopa na História da Revelação, pode-se conjurar uma nova perspectiva. Se a submissão e a dominação não tivessem algum tipo de limite, a vida seria comprometida logo após a criação. Ora, a destruição da criação é antitética a revelação bíblica que, Deus é o Deus da vida e não da morte, da submissão e da dominação (BOFF, 2016). Essa nova iluminação sobre a perícopa, pressupõe mesmo que de modo sutil, uma relação de convivência entre os seres vivos (e este é o limite para que a criação não seja destruída). A convivência, por sua vez, exige o suposto do cuidado e, em termos joaninos, o cuidado tem a função de manter a abundância da vida.

Defende-se, portanto que, por intermédio, sobretudo, do paradigma moderno, e de algumas perspectivas religiosas, instaurou-se um cenário de crise civilizacional generalizada, com o planeta degradado por maus hábitos cotidianos “[...] políticos, privados e públicos, culturais e espirituais. A degradação crescente de nossa casa comum, a Terra, denuncia nossa crise de adolescência” (BOFF, 1999a, p. 17).

Essa crise é uma crise de cuidado, ou melhor, da falta de cuidado com a alteridade. Em outras palavras, submeter e dominar não passaram pelo crivo limitador subjacente no texto bíblico de Gn 1,28, qual seja, o cuidado. Sendo assim, a teologia cumpre com um papel de grande relevância ao demonstrar que isso historicamente foi negligenciado pela tradição e de que outras leituras são possíveis, isto é, uma atualização hermenêutica do texto bíblico.

Cabe refletir sobre alguns aspectos da sociedade moderna e seus males, ou como Baumann (1997) chama a sociedade pós-moderna e suas mazelas, entre elas, sobressai o desprezo pela natureza e o endeusamento do ser humano acima de tudo e de todos, que tem raízes na teologia dos relatos da criação, como acima foi demonstrado. Embora não seja teólogo, Baumann é sociólogo e filósofo que se preocupa com a ecologia - assim como muitos outros cientistas e filósofos -, demonstrando que, essa temática transcende questões religiosas e teológicas.

O atual cenário da crise ecológica conclama a atenção de todos, desde autoridades até religiosos e leigos, dito de outro modo, a sociedade em geral, pois, todos têm o dever de cuidar da terra, esse cuidado não pode estar nas mãos de algumas poucas pessoas ou organizações, é um problema universal e que diz respeito a todo ser humano, partindo de “uma dimensão pessoal” para as dimensões “comunitária, cósmica e divina” (BAPTISTA, 2011, p. 237).

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Nesse viés, o entendimento sobre ecologia e o papel do ser humano na interação com a natureza, forçosamente, tem-se modificado ao longo dos anos, mesmo que ainda de forma lenta e parcial. Talvez isso em decorrência dos esforços cognoscitivos de Leonardo Boff e outros intelectuais como Moltmann desconstruindo - ou ao menos tentando -, o paradigma antropocêntrico, e defendendo uma teoria teoantropocósmica que analogamente pode ser assemelhada a mudança de paradigma provocada por Copérnico, Galileo Galilei, além de Isaac Newton e Kepler referente à mudança do paradigma geocentrista para o heliocentrista (BOFF, 2017). Por teologia teoantropocósmica, pode-se entender a

[...] formulação hermenêutica (a produção teológica propriamente dita), nascida da realidade (o defrontar-se espiritual e analiticamente com a dramática situação do pobre e da Terra), a teologia teoantropocósmica, sintetizando-a de forma simplificada, fundamenta-se numa cosmologia, numa antropologia e numa concepção de Deus (em sentido amplo, incluindo em seu conceito a Trindade e as pessoas trinitárias: Pai-Criador, Cristo cósmico e ubiquidade do Espírito) que propugna por libertação e diálogo (BAPTISTA, 2012, p. 211).

Portanto, nessa seção, refletiu-se sobre o cenário atual da ecologia e como esse tema é urgente, pois a vida está em jogo, mas pouco se avança para uma mudança paradigmática.

3 O MODELO MODERNO DE SOCIEDADE

A modernidade inicia com um feito grandioso, substitui o *topos* de Deus pelo da razão e pelo indivíduo. É no campo da epistemologia que isso fica nítido. Em termos de método, a hipótese de Deus é descartada pela ciência. Doravante, a natureza é explicada a partir de leis e não por alguma vontade divina. Com isso, a modernidade não só destrona as interpretações teológicas medievais acerca da ordem dos fenômenos, mas põe em xeque a ideia de Criador. Portanto, “no período moderno, a razão humana tomaria o lugar de Deus, resolvendo todos os problemas humanos e refazendo a sociedade por linhas da verdade científica e racional” (ODEN, *apud* VEITH, 1999, p. 21).

Hodiernamente, admite-se tanto no âmbito epistêmico quanto religioso o “*Big Bang*”, como explicação sobre a origem do universo. Entretanto, essa teoria não suprassume uma lacuna, o que possibilitou e gerou o “*Big Bang*”? Muitas interpretações enxergam nesse ponto a possibilidade de Deus. Ao tratar desse tema, nessas linhas, os relatos da criação tem um espaço privilegiado na discussão. O que interessa aqui, dos textos Gn 1-2[6] não é a criação, mas o cuidado com a casa comum. É esta teologia que potencialmente pode contribuir para a formatação de um novo *ethos* diametralmente contrário ao moderno.

Com a ascensão da *Aufklärung*, ciência e técnica prometem a saída do ser humano de sua minoridade intelectual[7], a partir disso, criariam condições favoráveis para a resolução dos problemas humanos de todas as ordens. Uma promessa bastante otimista, mas que gradativamente foi esvaziada de sua pretensão, prova disso, são os séculos XIX e XX.

Duas imagens/metáforas no início da era Moderna são, particularmente, relevantes para compreender a nova cosmovisão que põe o ser humano como sujeito epistêmico e o mundo como objeto de conhecimento. A primeira é a imagem de Descartes, que descreve o mundo como um

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

grande relógio[8]. Para compreendê-lo, deve-se desmontá-lo e analisar como cada peça funciona. Desta forma, o humano teria domínio sobre o mundo, ou melhor, sobre a máquina. A segunda imagem - mais assustadora - é de Francis Bacon. Para ele, o mundo deveria ser submetido a uma cirurgia e torturado até que revelasse suas leis. Uma vez reveladas, o humano teria total poder e domínio sobre o mundo. Daí que nasce a ideia de saber é poder[9]. Saber as leis que regulam a casa comum para ter poder sobre ela. Não deixa de ser intrigante, como essas metáforas estão em harmonia com Gn 1,28, porém, Descartes e Bacon não compreenderam que submissão e domínio sem controle e limite geram a destruição.

Essas metáforas tornam-se legítimas a partir da cisão entre economia e ecologia. Para os gregos Antigos, era impensável separar essas duas dimensões do *Oikos*[10]. Postas em uma relação dual, tornou-se possível o primado da economia sobre a ecologia, dito de outro modo, a partir da economia é legítimo explorar sem limites a ecologia.

A crise ecológica cabe reiterar, é fruto de uma determinada cosmovisão - moderna - que promove valores de uma cultura de morte e destruição da vida. Isso implica em uma nova percepção sobre a *bios*. Para isso, duas dimensões devem estar interconexas, a reflexão/episteme e a práxis. Trata-se de uma exigência para elaborar um paradigma consensual a nível mundial que dê conta da crise civilizatória, da qual a ecológica é resultante. Historicamente, há fatos suficientes para demonstrar que a solução não passa por uma revolução ou imposição. Nesse sentido, a aposta do mundo contemporâneo é no diálogo e na educação. O diálogo não é solução, mas fora do diálogo qualquer solução é desastrosa.

É no âmbito da reflexão, bem como da práxis (pastoral e/ou engajamento social), que a teologia cristã pode dar proposições - tendo como *substractum* sua sabedoria e episteme milenares -, na configuração de um novo *ethos* que tenha como princípio universal a vida (e não qualquer tipo de vida, mas vida abundante). Deste modo, opondo-se ao paradigma moderno. Todavia, como já foi frisado acima, tal princípio deve ser resultado de um diálogo que não negue a pluralidade de todas as ordens. Sendo assim, a posição teológica consiste no diálogo e na defesa da vida.

De acordo com Boff (1995), o modelo de sociedade moderna[11] está pautado na ideia de que tudo deve convergir para o progresso[12], sendo que, este se move entre dois infinitos: o infinito dos recursos da terra e o infinito do futuro. Algumas perspectivas cosmológicas acreditavam que os recursos da Terra seriam inesgotáveis e que, se poderia progredir indefinidamente em direção ao futuro.

Contudo, hoje se reconhece que há recursos finitos, ou seja, nem todos são renováveis e que, o crescimento indefinido para o futuro é impossível, pois não se pode universalizar o modelo de crescimento para todos e para sempre, por isso, é necessário "corrigir excessos da voracidade do projeto industrialista mundial, que implica sempre custos ecológicos altos" (BOFF, 1999, p. 26).

Boff compreende que para esse modelo de sociedade moderna hedonista, egoísta, irresponsável, a preservação da Casa da Humanidade não é uma prioridade, sequer uma preocupação, está suplantada pela luxúria, pelos caprichos e confortos da vida, "[...] importa recuperar uma visão global da natureza e dentro dela as espécies e seus representantes individuais" (1995, p. 18). O mundo não é uma máquina, mas é composto por sistemas vivos dentro de sistemas vivos[13]. Nesse sentido, não há como resolver os problemas ecológicos a partir de um esquema mental obsoleto que representa o mundo como uma máquina, como

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

anteriormente foi referido. Se assim fosse, bastaria substituir as peças quebradas para reestabelecer a ordem. Neste caso, faz-se necessário o “fio de Ariadne” que possa *reconduzir* e *reconectar* a humanidade com a Casa Comum.

Cabe reiterar que, com a finalidade de beneficiar o ser humano, independentemente do prejuízo que isso cause a natureza, surgem a ciência e a técnica. A primeira conhece os mecanismos da terra e a segunda faz intervenções nela para um suposto benefício humano. Com isso, busca-se o máximo de benefício com o mínimo de investimento e no mais curto prazo, como por exemplo, ocorreu na “hamburgerização” da América Central e em outros projetos (BOFF, 1999, p. 70). Não se trata de levar a ciência e a técnica a um júri, mas de compreender que ambas operaram, por muito tempo, abdicando de uma reflexão ética sobre seus procedimentos/hodós e resultados.

De acordo com o entendimento moderno, o ser humano está sobre as coisas, acima delas, logo, submetendo-as, não se concebe como alguém que está junto com as coisas, como membro de uma comunidade maior, planetária e cósmica (BOFF, 1995). Neste ponto, é necessário tensionar a compreensão generalizada de Boff. De acordo com um estudo feito sobre as empresas que mais poluíram no mundo em 2013, pelo Grupo de Comunicação e Informação Financeira Thomson Reuters[14], a poluição é fruto do sistema econômico-político que dita a ordem social impondo padrões de vida, consumo e pensamento. São, portanto, grandes corporações/indústrias responsáveis, em um nível crítico, pela emissão de gases poluentes e nocivos no planeta. Com isso se camufla um discurso moralizante que prega a ideia de que todos são responsáveis pela crise ecológica. Certamente é assim! Não se discorda disso, apenas se chama atenção que se joga a culpa nos indivíduos vitimizando indústrias e grandes latifundiários.

Moltmann (2012, p. 160), também problematiza os interesses e valores que regem a civilização moderna. O projeto de civilização moderna é marcado, determinantemente, pela vontade de dominação que impele os seres humanos modernos a assumir o controle da natureza e da terra[15]. O aumento do poder humano impulsiona o progresso que ainda é aferido quantitativamente em termos econômicos, políticos e militares e cujos custos recaem sobre a natureza.

A cultura da civilização moderna é expansionista, tanto em face de outros países como em face da natureza. A sabedoria da autolimitação e da manutenção do equilíbrio entre cultura e natureza, observada pelas sociedades antigas ou pré-modernas foi suplantada. Esse expansionismo desenfreado e a propagação da cultura de dominação culminam no aumento das catástrofes ecológicas (enchentes, secas e, sobretudo, degelo dos polos) que afetam todos os países.

O efeito final desse modelo de sociedade moderna e o sentido de vida que os seres humanos projetaram para si, pelo menos nos últimos 400 anos, conforme Boff (1995, p.17), é expresso de forma visível na atual crise ecológica e civilizacional. Os recursos do planeta, embora sejam suficientes para todos, não o são para a voracidade dos desejos consumistas.

Tudo isso mostra claramente que, o modelo de sociedade moderna é obsoleto, havendo assim a necessidade da construção de um novo padrão de sociedade civilizacional ou um novo projeto de civilização contendo novos valores norteadores e novas políticas e hábitos que culminem em práticas benéficas não apenas aos seres humanos, mas a todos os seres vivos, incluindo a própria terra (BOFF, 1995).

A modernidade e o seu tipo ideal de vida não surgiram por acaso, não foi um processo natural e/ou

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

cultural puramente, mas se consolidou na chamada modernidade tardia, por intermédio da ascensão do capitalismo, do liberalismo, do consumismo, da acumulação de bens e do materialismo, impulsionados pela comercialização, pela industrialização e pela geração de bens. Através de um olhar crítico, percebe-se supostas riquezas postas em prol do progresso e do desenvolvimento que, se mostram unilaterais, ou seja, as grandes corporações multinacionais e as demais empresas industriais e comerciais criam uma ideologia que lhes gere mais riqueza financeira, mesmo que isso resulte em degradação ambiental e humana (BOFF, 2017).

Dessa forma, a sociedade moderna com seu desenvolvimento técnico e científico, sente-se onipotente, capaz de tudo, isso é perceptível por meio da construção de bombas atômicas, nucleares e de hidrogênio, por meio das guerras, do armamentismo, do produtivismo e do progresso ilimitado. Subjacente a isso, não se encontra nenhuma consciência planetária, tão necessária no século XXI (OLIVEIRA; SOUZA, 2009).

Cabe, doravante, pensar e construir coletivamente um novo modelo de sociedade, que supere a modernidade e suas mazelas. Para tanto, julga-se relevante a *Carta da Terra*. Ela em si não resolve o problema, além do mais possui lacunas,

porém, é a cautela tomada na Carta para não responsabilizar pessoas, instituições ou sistemas que colocam em risco a vida do planeta, e o silêncio no que se refere às mediações necessárias para a consecução dos seus princípios (OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p.42).

Por fim, cabe destacar que, nesse item desdobraram-se os pilares da sociedade moderna, seus valores e sua práxis, a imoralidade praticada em relação à ecologia, a exaltação do conhecimento científico e da racionalidade sem os freios da ética. Isso configurou um cenário problemático, mas que não pode ofuscar um pensamento crítico-teológico que se projete em direção a um horizonte utópico (não uma utopia ingênua, mas racional que reconhece a complexidade da tarefa posta, no entanto, vislumbra possibilidades de reverter o contexto - tem esperança na vida, ou melhor, no Deus da vida).

4 PROPOSTA DE UM NOVO MODELO DE SOCIEDADE

Para Boff (1999, p. 27) urge a construção de um novo *ethos* que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica. O teólogo afirma que originalmente, a palavra *ethos* indica a “toca do animal” ou “casa humana”, ou seja, aquela porção de mundo que se reserva para organizar, cuidar e fazer o habitat humano. Essa casa humana cabe ser reconstruída por todos os seres humanos, mas não somente para os humanos. Tal casa, não deve ser vista como apenas um território, uma cidade, um país, mas como o planeta unificado.

Para isso, uma das primeiras tarefas teológicas consiste na reinterpretação bíblica, como já foi mencionado anteriormente, sobre a dominação que ser humano exerce sobre os demais seres e a totalidade da natureza. Para essa nova hermenêutica, faz-se necessário que o intérprete seja sensível à necessidade patente de cuidado com a natureza, de preservação ambiental, de amor ao próximo, de forma teoantropocósmica e não antropocêntrica (BOFF, 2016).

Nos relatos de Gn 1-2, há de se considerar que Deus viu que tudo que tinha feito era bom, incluindo o planeta Terra, sua atmosfera, a divisão das águas em rios, mares, oceanos, os animais

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

e as plantas, e por fim o ser humano. A repetição da frase “Deus viu que era bom” aparece ao término de cada dia da criação, chegando finalmente ao mais importante de todos os dias, o sétimo dia, o dia do descanso, que pode ser interpretado como o dia da preservação, da conservação, do cuidado com o que foi criado (BOFF, 1993). Já no segundo relato, isso é enfatizado pela seguinte perícopes, “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). Nesta passagem, Deus apresenta a missão fundamental do ser humano, cultivar e guardar a criação o que pressupõe responsabilidade.

Assim, pode-se entender do Espírito de Deus ou Espírito Santo pairando sobre as águas, preservando a natureza, a criação divina. Outra menção do plano ou projeto divino para a humanidade e o planeta Terra, encontra-se no livro bíblico do profeta Ezequiel, em que são apresentados seres humanos e não-humanos (animais) vivendo em perfeita harmonia, os carnívoros chegam a se tornar vegetarianos para que a paz seja preservada, dando, assim como Isaías, a esperança de um futuro para os então exilados israelitas (SCHWANTES, 1987). E ainda conforme o Neotestamento, a esperança da ressurreição que vence a morte. Todas essas indicações têm a potencialidade de serem inspirações para pensar um projeto global, no qual, a humanidade encontre possibilidades de reestabelecer-se harmonicamente com a Casa da Humanidade.

A modelação da casa humana ganhará corpo em morais concretas, ou seja, valores, atitudes e comportamentos práticos, consoante às várias tradições culturais e espirituais (BOFF, 1999). Nesse sentido, não é um esforço a ser feito apenas pelas religiões cristãs, mas por todas as religiões, também não é questão de crença em um ou outro dogma, mas se refere à preservação da humanidade e conservação da natureza (BOFF, 2007; BOFF, 2016).

As tradições religiosas, ainda que diversas, alimentaram o mesmo propósito que, segundo Boff é “salvaguardar o planeta e assegurar as condições de desenvolvimento e de co-evolução do ser humano rumo a formas cada vez mais coletivas, mais interiorizadas e espiritualizadas de realização da essência humana” (1999a, p. 27). O diálogo e a cooperação entre as religiões em prol da ecologia, pode gerar uma sinergia mais valiosa que a soma dos esforços individuais das mesmas, mesmo que preservem um distanciamento dogmático, mas que possam estar aliadas no que for pertinente ao bem comum da humanidade.

A partir da teologia de Boff, sustenta-se que esse novo *ethos* civilizacional deve emergir das entranhas, do coração e do intelecto do ser humano. Das entranhas, por causa da realidade precarizada, do coração devido à compaixão diante da alteridade ferida e, por fim, do intelecto para ler a realidade à luz dos olhos da fé e da razão. Todas essas dimensões convergem no cuidado, “se não nascer do cerne essencial do ser humano, não terá seiva o suficiente para dar sustentabilidade a uma nova florada humana com frutos sadios para a posteridade” (1999a, p. 28). Para Boff, “o cuidado entra na natureza e na constituição do ser” (1999a, p. 35), abdicando dele, não se constitui o humano. “Sem o cuidado, ele deixa de ser humano” (1999a, p. 35). Essa dimensão frontal - do cuidado - será a base de um novo sentimento religioso, de um novo sentido ético e de vertentes morais. Aposta-se que propiciará uma nova razão dialógica (não instrumental moderna), emocional e espiritual que transformará a ciência, a tecnologia e a crítica em medicina para a Terra e para a humanidade.

Já no entendimento de Moltmann (2012, p. 187), esse novo modelo de civilização deve ser

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

marcado por um estilo de vida alternativo que, contrasta com o modo de vida das sociedades industriais capitalistas. Estas são a causa essencial das catástrofes ecológicas que ameaçam o mundo. Cabe, portanto, desenvolver um estilo de vida alternativo, que o teólogo aponta como uma cultura da solidariedade.

Conforme At 4,32-35,

a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação. Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casa, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo sua necessidade.

Moltmann inspirado nessa perícopie afirma que há o suficiente para todos e que esta é a mensagem das primeiras comunidades de cristãos, no pentecostes. Tal imagem é oposta a todas as sociedades com desigualdade e privação social sob o lema: “nunca há o suficiente para todos” (2012. p. 189), por conseguinte, impera uma luta de todos contra todos por alimentos e satisfações, mais precisamente, dos ricos contra os pobres, das elites contra as camadas subalternas.

No entender de Moltmann, o oposto de pobreza não é a riqueza, mas comunidade. A atitude comunitária proporciona que os indivíduos fiquem ricos, ricos de amigos em quem confiar, ricos de auxílio mútuo, ricos de ideias e forças, ricos das energias da solidariedade. Tais energias emergem na base: jardins de infância, auxílio entre vizinhos, assistência aos pobres, cuidado aos doentes e outras iniciativas de compaixão.

Por fim, Moltmann (2012, p. 189-190) cita como exemplo a crise econômica de 2008. Embora deflagrada pela cultura do consumo foi suprimida pela cultura da solidariedade. Diante da miséria dos desempregados e sem tetos, dos empobrecidos e excluídos, emergiu uma onda de caridade nas grandes cidades do mundo ocidental. Bancos de alimentos foram criados, associações e grupos com os quais ninguém contava.

novo modelo civilizacional deve abandonar os primados do consumismo desenfreado, do materialismo acumulador de bens descartáveis, e pautar-se pela sustentabilidade, reciclagem, reutilização, uso consciente e responsável, privilegiar produtos verdes, orgânicos, dito de outro modo, cuidados que o ser humano deve ter consigo mesmo (BOFF, 2017).

Assim não se deve superar uma crise por meio da restauração da antiga cultura do consumo, mas da construção de uma cultura da solidariedade. A solidariedade praticada pelo povo revela uma cultura diferente daquela do consumo que tanto feriu e fere o meio ambiente. O mundo que geme pela corrupção como aponta o Apóstolo Paulo, deve ser amalgamado em um mundo que se alegra pela solidariedade humana (MOLTMANN, 2012). Por fim, é válido ressaltar que ao longo dessa seção, a proposta de um modelo de sociedade, conforme apresentado por Leonardo Boff e Moltmann, embora com algumas variações é um indicativo de alternativa para substituir o modelo de sociedade moderna.

5 CONCLUSÃO

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Portanto, a atual crise ecológica vem se agravando, tornando-se cada vez mais insustentável, extinguindo com várias espécies de seres vivos e podendo extinguir com a vida no planeta.

Alguns autores preocupados com isso propõe a troca do modelo de sociedade, deixando para trás a civilização moderna e adotando um modelo de civilização sustentável, na qual todas as espécies de seres vivos possam coexistir pacífica e sustentavelmente. Entretanto, nem tudo pode ser deixado para trás, como por exemplo, a recuperação da democracia, a construção do indivíduo dotado de direitos, a ciência e tecnologia que beneficiam a vida, que são conquistas modernas.

É imprescindível para a sobrevivência dos seres humanos, que se coloque em prática um novo modelo de sociedade que atue com sustentabilidade, cuidado e solidariedade e, dessa forma, preserve a ecologia, sem a qual a vida está comprometida. Portanto, não há esperança de uma mudança positiva apostando no paradigma moderno.

Para a mudança ocorrer, não basta a iniciativa de pessoas, organizações ou religiões isoladas, mas é necessário o diálogo intercultural para elaborar consensos mínimos sobre a ecologia, além disso, a união das religiões e a formulação de uma teologia ecológica universal, que não modifique os dogmas e a fé, mas crie nas pessoas uma consciência ecológica e um senso de cuidado com a alteridade. Essas são premissas oriundas do campo religioso que podem contribuir na criação de um novo modelo civilizacional. Especificamente, no caso das religiões cristãs, urge a necessidade de uma hermenêutica bíblica que melhor compreenda a interface entre teologia e ecologia.

6 REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Libertação e ecologia:** a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARTH. Senno. **Etimologia grega:** da Hélade à terra Brasilis - uma viagem cultural. EDIURI, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-Modernidade.** Trad. Mauro Gana; Cláudia Mortinelli Gana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- Bíblia de Jerusalém.** Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. **De onde vem?:** Uma nova visão do universo, da terra, da vida, do ser humano e de Deus. 1. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2017.
- BOFF, Leonardo. **A Terra na palma da mão:** uma nova visão do planeta e da humanidade. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo. **Comunicar-nos com a natureza com compreensão, compaixão e amor.** São Paulo: Agenda Latina América, Vol. 1, 2007.
- BOFF, Leonardo. **Ética da Vida.** Versão Ilustrada. Brasília: Letraviva, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** Ética do humano - compaixão pela terra. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

BOFF, Leonardo. ***Dignitas Terrae***. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização e espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.

CAPRA, Fritjof. ***A teia da vida***: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton R. Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Eduardo. Lista põe Petrobras entre as 20 empresas que mais poluíram no mundo. **G1. Globo**, 27 dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 21 de nov 2018.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. Trad. Silvana Coubucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DIAS, Genebaldo Freire. **Fundamentos da educação ambiental**. Brasília: Universa, 2004.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. Trad. Claudia Berliner; Eduardo Brandão; Ivone Castilho Benedetti e Maria Ernantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 1083 p.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”? In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 64-71. (Coleção Textos Filosóficos).

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira; Nelson Boeira. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MOLTMANN, Jürgen. **Ética da Esperança**. Trad. Vilmar Schneider. Petrópolis:

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. **Consciência planetária e religião:** desafios para o século XXI. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SCHWANTES, Milton. **Sufrimento e esperança no exílio.** São Paulo: Paulinas, 1987.

VEITH, Gene Edward Jr. **Tempos pós-modernos:** uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época. São Paulo: Cultural Cristã, 1999.

[1] Cf. Adela Cortina na obra intitulada *Cidadãos do mundo*: para uma teoria da cidadania (2005), afirma que, os problemas interculturais e mundiais não podem ser pensados e abordados de modo isolado ou por uma cultura. De mais a mais “[...] é preciso tomar consciência de que nenhuma cultura tem soluções para todos os problemas vitais e de que pode aprender com outras, tanto soluções das quais carece como a se compreender a si mesma” (CORTINA, 2005, p. 143). A questão que emana é: quais valores deveriam ser respeitados por todos independente da cultura? Valores que se chancelariam justos pela sua universalidade, isto é, são justos, pois favorecem as expectativas e desejos universais. Deste modo, fica nítido que, uma possibilidade de resolver problemas de ordem mundial passa necessariamente pelo engajamento coletivo. Tais possibilidades tem um lugar privilegiado nas éticas discursivas. “A própria ética discursiva inscreve-se em uma antiga tradição dialógica, que - fiel a uma tradição judaica - valoriza sobremaneira o lugar da palavra na vida humana e, concretamente, da palavra posta em diálogo, na busca cooperativa da verdade e da justiça” (CORTINA, 2005, p. 166). Nessa perspectiva, o diálogo é o mediador entre as diversas culturas, a partir disso, pode-se polemizar: quem está apto, ou ainda que tipo de cultura está apta a entabular um diálogo? Tais questões não são procedentes e razoáveis. Para Adela, “[...] estar disposto a entabular um diálogo significa estar disposto também a aceitar as condições que lhe conferem sentido. E, a partir dessa perspectiva, nenhum interlocutor está legitimado a privar da vida seus interlocutores potenciais nem a lhes negar a possibilidade de se expressar, nem a lhes atribuir *a priori* um lugar de inferioridade (2005, p. 168). Ora, o pressuposto básico para que o diálogo possa ser entabulado é a igualdade, isto é, os interlocutores precisam estar em pé de igualdade, isso por sua vez, exige mínimos de justiça. “Mínimos de justiça seriam, portanto, aqueles que precisamos promover para que os interlocutores possam dialogar em pé de igualdade, e qualquer característica cultural que ponha em risco a defesa desses mínimos

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

pertence ao âmbito do que deve ser rejeitado e denunciado. Tais mínimos não surgem de uma tradição política determinada, como a liberal, e sim de uma racionalidade impura, entranhada no mundo da vida das diferentes culturas no início do século XXI. É por isso que, para determiná-los, é preciso entabular diálogos reais entre as diferentes culturas, e não impô-los a partir de uma cultura política (CORTINA, 2005, p. 169).

[2] Fala-se em mudança de paradigma uma vez que se verifica uma anomalia no paradigma moderno. Os problemas contemporâneos estão interligados, nesse sentido, não há como fazer um enfrentamento deles de modo isolado ou fragmentado. Os grandes problemas precisam ser vistos exatamente como diferentes facetas de uma única crise, a saber, do modelo civilizacional. Predomina uma visão de mundo obsoleta, isto é, percepções inadequadas para lidar no mundo superpovoado e globalmente interligado. A solução para os problemas atuais segundo Boff passa por uma profunda *kenosis*, isto é, esvaziamento total de padrões predadores da vida, desde a economia, política à moralidade (o jeito de agir de cada indivíduo, a partir da normatividade estabelecida). Em outras palavras, é necessário interpretar e avaliar a vida a partir de outros referenciais que não sejam oriundos do modelo moderno e, é isto que indica uma anomalia no modelo moderno. Mas qual é a compreensão de paradigma subjacente nesse trabalho? Toma-se como ponto de partida a noção de Thomas Kuhn, segundo ele paradigmas são "(...) as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência" (1978, p. 13). Além disso, acrescenta: "um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma" (p. 219). Contudo, essa visão precisa ser alargada, paradigmas não se restringem a comunidades científicas, mas devem ser um norte mínimo universalmente compactuado que oriente o modo de pensar, agir e sentir, tendo como móbil o cuidado pela vida.

[3] Defensivo agrícola vem sendo adotado no campo da agronomia, da política e das indústrias químicas fabricantes de venenos para substituir o termo agrotóxico e/ou pesticida, com o objetivo de atenuar a semântica e o sentido de agrotóxico e/ou pesticida. Defensivo é um atenuante, pois desenvolve a ideia de defesa, embora não esclareça defesa do que e contra quem. Usado em sentido genérico, portanto, passa a indicar a defesa da agricultura e do agricultor. Assim, dissolve-se a ideia de substância tóxica que envenena e mata a vida.

[4] Tais diagnósticos e prognósticos também são realizados pelo físico Fritjof Capra em suas obras, entre as quais, destaca-se: *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (2006).

[5] Ao consultar renomados dicionários hebraicos, infere-se que, os verbetes empregados são submeter e dominar. Ver: KIRST, Nelson et. al. Dicionário hebraico-português e aramaico-

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

português. 16. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003. 305 p.; HOLLADAY, William L. Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010. 628 p.; RAHLFS, Alfred (Ed.). Septuaginta: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes. Duo volumina in uno. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979. v. 1. 1184 p. v. 2. 941 p.; SCHÖKEL, Luis Alonso. Dicionário bíblico hebraico-português. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. 798 p.

[6] Por que Gn 1-2? Porque a tradição concebe(u) como relatos da criação, embora, exegeticamente, o sentido dos relatos não está vinculado a criação, mas ao descanso e ao cuidado respectivamente.

[7] Kant em um texto jornalístico intitulado, *Resposta à pergunta: que é Aufklärung?*, afirma “esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de *servir-se de si mesmo* sem a direção de outrem. *Sape aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]” (KANT, 2012, p. 63-64). A menoridade confere uma condição de conforto, pois não há nada sobre o que deliberar, porque se está sob a tutela de alguém ou de alguma coisa (uma revista, um livro, uma receita, um guru espiritual entre outros). Conforme Kant, a Aufklärung precisa ser compreendida, nesse aspecto, como algo positivo. Pois convoca ao processo de esclarecimento por meio de *supere aude*, isto é, ouse saber. Canalizando isso para o diálogo entabulado neste artigo, é preciso esclarecimento acerca da ecologia, não há como postergar essa tarefa e ficar na condição de menoridade, e ver a vida sendo destruída. O ponto negativo do Iluminismo é a promessa de construir um paraíso na terra por intermédio das faculdades do intelecto. Paraíso que foi esfacelado pela exploração e alienação capitalista do século XIX e com duas Guerras Mundiais no século XX, além das crises de convivência, energética, ambiental, alimentar e a ameaça de uma terceira guerra que poderia eliminar a vida.

[8] Cf. HUISMAN, 2001.

[9] Cf. HUISMAN, 2001.

[10] “[ho oikos] = casa; domicílio; família; pátria; os bens familiares. [...] Dessas palavras origina-se o radical ‘eco’ como na palavra ‘ecologia’. [...] oikologia [...] a ‘Casa da Humanidade’. [Oiko-nomia] = administração dos bens familiares” (BARTH, 2005, p. 79-80). Portanto, a Casa da Humanidade administrada, ordenada pela economia.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

[11] Segundo Boff, “o modelo em termos da lógica do cotidiano era e continua sendo: o importante é acumular grande número de meios de vida, de riqueza material, de bens e serviços a fim de poder desfrutar a curta passagem por este planeta” (1995, p. 16). Reza o ditado popular que, “todo mundo quer se dar bem neste mundo”, mas quem cuida do mundo em que todo mundo quer se dar bem?

[12] É mister frisar, desenvolvimento humano e progresso não são equivalentes e/ou sinônimos, pois, historicamente, tira-se e subtrai-se vida em nome do progresso.

[13] Cf. CAPRA, 2006.

[14] . Acesso em: 21 de nov 2018.

[15] Moltmann reconhece a dívida da teologia com a ecologia pela interpretação errônea de “submete a terra” (Gn 1,28), isso por sua vez desencadeou graves problemas. A indagação que nasce nesse âmago é: como a teologia, bem como esse relato podem ser reinterpretados sem a lógica da destruição, subjugação e dominação? Estabelece-se um paradoxo, como a fé cristã pode fornecer pistas de esperança se historicamente o relato de Gn 1,28 “autorizou” o esgotamento ecológico?